

**ÍCARO ARGOLO FERREIRA**

**ROSE BASSUMA**

**EMANUELA BRITO**

**Do clássico ao contemporâneo:  
uma análise sobre a educação e o mundo virtual**

*Em mundos diversos a educação existe diferente*  
Paulo Freire

**Introdução**

Este trabalho tem como proposta realizar um levantamento conceitual acerca da educação clássica, traçando seu caminho de transição ao contexto educacional contemporâneo.

Para isto, apresentam-se os principais dados históricos desta concepção educacional, que a princípio parece recente, devido ao fato de estar relacionada com os instrumentos provenientes dos avanços tecnológicos, mas que historicamente tem sua origem, em conceitos da pedagogia tradicional.

Trata ainda, acerca da busca por novos conhecimentos como sendo algo que permeia a Universidade tanto no que se refere ao conhecimento conservador da memória passada, quanto a sua permanência ao longo dos séculos, atravessando a influência sócio-econômica.

Na esteira da reflexão aqui proposta, é analisado a estruturação da docência no mundo virtual. Para tanto, evoca-se a hierarquização

ção do desenho didático apresentada por Silva (2008), no qual a didática no processo de construção dos conhecimentos no mundo virtual é instrumentalizada através de três abordagens diretas e complementares: conteúdos de aprendizagem, propostas de atividades e atuação nas interfaces.

## **Modelos clássicos e tradicionais da educação**

Necessária à sobrevivência humana e à transmissão da herança cultural, a educação esteve sempre presente nos diferenciados grupos desde os tempos mais remotos.

A organização social e do trabalho eram passadas, na interação entre os sujeitos, através da troca de experiências diretas. Assim, para Vianna (2006), a educação não se dá apenas nas escolas, mas em todos os lugares onde os indivíduos estejam desenvolvendo o seu processo de aprendizagem, mesmo quando não têm o direito assegurado a permanecerem nas instituições de ensino.

A Educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido restrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades.

Cada teórico, em seu momento histórico, compreendeu o processo de ensino e de aprendizagem de maneira própria. Assim, cada nova teoria procura substituir as anteriores, incorporando em si os aspectos de cada elaboração histórica. Procuram romper com modelos “tradicionais” e propor os modelos “modernos”.

Nesse contexto educacional, influenciado até a década de 80 pelas ideias de Skinner e por suas propostas de condução do processo de ensino e de aprendizagem por meio de condicionamentos, reforços e por uma instrução programada (Ferrari, 2008), percebeu-se entre educadores e pesquisadores, a necessidade de investigar como o conhecimento em si se processa. Gerando, assim, como aponta Martins (2004), implicações no direcionamento do trabalho didático. Dessa forma, atribuindo um papel ativo ao sujeito na construção do conhecimento.

Destacam-se em especial os trabalhos de Piaget e Vygotsky, apontados por Menin (1966), suas discussões possibilitaram uma nova compreensão das relações entre aprendizagem e desenvolvimento. Resultaram em outro olhar para o trabalho didático escolar.

Piaget foi um epistemólogo preocupado com a gênese do conhecimento humano. Sua teoria, denominada de Epistemologia Genética ou Teoria Psicogenética, defendia que desde o nascimento, o indivíduo constrói o conhecimento. Considerou muitos fatores que interferem nessa construção, tais como as estruturas operatórias, as experiências, o meio, dentre outras que são importantes para aquele que está aprendendo e, conseqüentemente para aquele que está ensinando. Piaget, a partir da teoria da epistemologia genética colaborou com um novo referencial para explicar a construção do conhecimento pela criança.

Vygotsky (1991) relaciona a educação com a produção material dos homens, como um processo histórico e cultural. Por meio da mediação, o professor tem possibilidade de assegurar aos alunos, os conhecimentos historicamente acumulados e a compreensão da realidade.

Uma das características mais marcantes da contemporaneidade é a constante mudança. Este processo de mudança nas abordagens de aprendizagem não pode ser visto separado da cultura organizacional existente, uma vez que esta influência determina a forma e o grau possível da mudança dentro da organização.

A transformação cultural possibilita evolução dos aspectos educacionais, já que qualquer processo de mudança educacional pressupõe a participação de pessoas que possuem experiências de vida. Teixeira (2002) esclarece que educar para a mudança define a capacidade dos educandos de integrarem-se ao mundo de hoje.

Nesse sentido, procurar superar tais desafios consiste em compreender e criticar as teorias pedagógicas, fundamentadas em ideologias dominantes no contexto da sociedade capitalista contemporânea.

Para tanto, torna-se necessário romper os limites dessa conjuntura para efetivar uma proposta pedagógica baseada no método

dialético de apropriação do conhecimento científico escolar. No entanto, como apontam Duarte (2005); Saviani (2005), o pensamento educacional no Brasil não avança significativamente em relação à crítica que estabelecem entre a escola tradicional e a escola nova. A educação brasileira apresenta, ao longo de sua trajetória, forte influência da pedagogia tradicional de orientação religiosa.

Características do modelo educacional vigente no Brasil, as pedagogias tradicional, nova e tecnicista, estão fundamentadas em teorias pedagógicas “não-críticas”. São baseadas no positivismo, desconectada da sociedade. Com diferentes enfoques, Saviani (2005); Taffarel (2011) caracterizam estas teorias que ora enfatizam os recursos, ora enfatizam os métodos, a avaliação e a organização, conferem à ciência o papel de formar indivíduos por meio de conhecimentos objetivos e neutros.

É inquestionável o valor da educação como uma peça fundamental para a conquista do desenvolvimento sócio-econômico de um país. Segundo Elliott (2005), o processo pedagógico exige o comprometimento e o compromisso, bem como a parceria entre os diferentes elementos que compõem o universo educacional em propiciar um efetivo trabalho pedagógico, que reconhece os direitos dos sujeitos de terem garantidos o acesso, a permanência, bem como uma educação de qualidade, conectada com os avanços sociais.

### **A influência e caracterização capitalista no contexto clássico da educação**

A busca por novos conhecimentos é algo que permeia a Universidade tanto no que se refere ao conhecimento conservador da memória passada, quanto a sua permanência ao longo dos séculos.

Sob a égide da globalização no contexto do neoliberalismo econômico e abertura total de fronteiras aos países para o livre trânsito das unidades de capital, acabam por fomentar intensa internacionalização das relações econômicas, sociais, culturais e políticas das nações. No livro “*Uma nova cultura no contexto da globalização*”

(1999), Chermann remete exatamente a uma reflexão que discute este contexto, o papel da Instituição numa época de intensa modernização.

As Tecnologias da informação são reflexos do mundo difuso e conseqüentemente difundido, fato que reverte o papel do conhecimento no processo de produção. Esta relação constitui o binômio capital/trabalho acrescido pela tríade capital/trabalho/conhecimento. Justificando de tal forma o chamado “conhecimento útil”.

De tal maneira, convergir para um mundo globalizado é um grande desafio. O computador e suas ações de informatização das tecnologias aliado ao conhecimento e prática docente constitui-se enquanto ferramenta fundamental neste processo. O que se torna mais notório no ambiente universitário, mesmo sendo a universidade uma instituição milenar de resquícios hegemônicos pela antiguidade católica, mas tensionada pelas relações contemporâneas internacionalizadas.

Em sua dimensão simbólica, a Universidade desempenha papel de produtora de códigos culturais e perpetuadora de compromissos com a educação, sendo para esta tarefa instrumento de construção de uma sociedade consciente de seu papel potencializador.

A educação, em seu patamar universitário, é um instrumento fundamental para enfrentar os desafios deste mundo contemporâneo globalizado e competitivo. A função da universidade como “casa de liberdade intelectual”, como aponta Chermann (1999, p.16), é de extrema importância, pois nesta há espaços para críticas acerca da autonomia do ensinar e aprender; essencial ao processo educativo autêntico.

No cenário capitalista atual as novas tecnologias da informação podem desempenhar um papel-chave no sentido de viabilizar o desenvolvimento. A mudança do caráter na Universidade contemporânea, então, segue uma lógica do pós-modernismo; por ser dinâmica que permite o domínio das relações entre nações que se estabelece na relação entre comunidades acadêmicas, viabilizando a relação interculturalista facilitada por meio de uma “aldeia global” muito bem conceituada por Marshall McLuhan (1964, p.106).

Nesta faz-se essencial o princípio ao autoconhecimento e das culturas entre si. Vale salientar que a relação entre homens/tecnologia implica diretamente na configuração de uma nova imagem mundial. Um processo de difusão do fluxo do conhecimento que minimizam fronteiras entre povos. Introduzir esse acervo tecnológico ao ensino superior pode permitir o acesso generalizado aos trabalhos acadêmicos e culturais produzidos por todo o mundo.

E isso remete uma nova configuração do saber além de criar relações entre Universidades que cooperam entre si e transporta para o virtual o que até então se encontrava Institucionalizado, fomentando assim novas perspectivas do saber em meio ao processo de globalização. O novo estilo de vida com os sistemas de “redes” demonstram consonância com o pensamento de Ianni:

(...) O processo de globalização é também um processo civilizatório (...) as culturas são expressões de modos de vida e trabalho, tradições e esperanças, formas de ser, sentir, agir, pensar e sonhar. O intercambio das culturas, traços, padrões e valores, sistemas e outros elementos é também necessariamente um intercambio de indivíduos, coletividade e nacionalidade. Uma migração múltipla, contínua e reiterada por todos os cantos do mundo tecendo o difícil intrincado diálogo de modos de ser e imaginar tecendo novos contrapontos de múltiplos singulares, de tal maneira que todos e cada um lançam outras universalidades (IANNI,1992, p.58).

O sociólogo Octavio Ianni faz alusão à sociedade global e consequentemente conectada a essa verdadeira “aldeia global” espécies de “um pouco de tudo compartilhado”, conectado e mencionado ao longo das discussões, que permite o estreitamento dos laços e autonomia entre indivíduos e comunidades acadêmicas, utilizando instrumento ativo de inclusão digital onde cada um pode encontrar-se no conhecimento de forma dinâmica de informações.

A Universidade de hoje e consequentemente do futuro, atua na produção, disseminação, mas, sobretudo essa relação se dá permanentemente ligada com todo mundo e não esgotada em si própria de forma cíclica.

No contexto global, a Universidade de Portugal vivenciou um projeto que decorre até os dias atuais e pode ser acrescido neste ce-

nário. Docentes em Parceria com o Pró-Reitor para a inovação em ensino a distância; Antonio Teixeira desenvolveu o *Modelo Pedagógico Virtual Da Universidade Aberta (2007)*. Esse modelo pioneiro em Portugal foi o primeiro totalmente virtual desta Universidade. A experiência durou (2006/2010) e se estende até a atualidade.

O novo momento de disseminação do saber, desenvolvido sob um novo modelo capitalista instaurado, nos convida a repensar novos trajetos para a universidade do futuro. A Universidade Aberta, desde o início, institui um modelo o qual atua como instrumento ativo de inclusão digital do conjunto da comunidade, daí a importância da grande atenção conferida pela universidade na preparação dos seus docentes para esse embate digital.

A experiência desse modelo possibilitou ao projeto assegurar a máxima qualidade desse processo de “conhecimento digital”. A Universidade estabeleceu um complexo e intensivo programa de formação docente continuada, obedecendo aos mais rigorosos padrões internacionais. Partindo da realidade desenvolvida através do modelo de novas universidades e conseqüentemente novos docentes que já configuram a nova realidade mundial, percebeu-se que a experiência acaba por se tornar uma demonstração de uma nova idéia de universidade, de modo que docentes obtiveram o reconhecimento e avaliação internacional prestigiados.

O novo modelo pedagógico é, neste sentido, um instrumento permanentemente inovador que nos permite olhar o contexto atual de inúmeras universidades que já desenvolvem o projeto de “universidades abertas” vislumbrando um futuro dialogando com metodologias que percorrem novas realidades, ou melhor, contextos de reorganizações pedagógicas que se tornaram importantes, pois voltar-se para o mundo virtual, possibilita novos contextos de ensino e aprendizagem.

Vale ressaltar que no universo de educação em rede esta pode ser desenvolvida de forma bidirecional o que constitui a relação (docente-discente) e multidirecional, (entre docente-discente; discente-docente e comunidade). Numa relação de muitos para muitos, onde todos aprendem de modo interdisciplinar e multiacadêmico e

multirreferencial, de modo a problematizar o conhecimento científico com responsabilidade, através do arcabouço metodológico virtual compartilhado entre indivíduos que almejam conhecimento.

### **Do clássico ao contemporâneo, aspectos da transição do modelo educacional de docência**

A ciência positivista, com sua carga de racionalidade, influenciou a educação através de várias correntes de pensamento, como a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial.

Seus princípios (epistemológicos e filosóficos positivistas), presentes no estudo da natureza, começaram a ser aplicados aos fenômenos sociais e inúmeras foram as influências do velho paradigma, no processo educacional. O modelo da ciência que explica a nossa relação com a natureza esclarece também, a maneira como aprendemos e compreendemos o mundo.

Por isso, na concepção da educação tradicional, predominou um sistema hierárquico, autoritário e dogmático, fragmentado pela divisão do conhecimento em assuntos, especialidades e subespecialidades, estabelecendo um contexto linear e mecanicista, que dava ênfase ao conteúdo e ao resultado, sem uma prática reflexiva. Uma abordagem pedagógica centrada no professor, como detentor do saber, que reproduzia uma relação de poder e a subserviência do aluno.

Em decorrência dos avanços tecnológicos, sucessivas descobertas científicas foram revelando um mundo completamente diferente do universo mecanicista. E surge uma nova visão de mundo, muito mais ampla, reforçando que o princípio da separatividade (ou compartimentabilidade) estabelecido pelo paradigma cartesiano-newtoniano, não mais responde a integração indivíduo/conhecimento.

As mudanças sócio-políticas e econômico-culturais durante vários séculos trouxeram significativas alterações no processo da prática pedagógica dos docentes, possibilitando novos aportes teóricos e



metodológicos, em função das necessidades e demandas. A revolução tecnológica e da informação impõem acentuadamente profundas mudanças nas relações sociais e conseqüentemente no processo educacional, e neste sentido, os docentes vêm interiorizando novas leituras sociais dessa nova realidade.

Nesse cenário de novos desafios, o indivíduo é compreendido cada vez mais como sujeito indiviso, que constrói o conhecimento usando as sensações, as emoções, a razão e a intuição. E nesta perspectiva surge um novo perfil de docente, transdisciplinar, que articula saberes de forma significativa, numa concepção do aprender a aprender, vinculado a uma tônica: a negação das formas clássicas da educação escolar. O paradigma da prática reflexiva transformou-se em reação contra a ideia de que saberes ensinados e teóricos, eram suficientes para agir com eficácia.

Surgem novos procedimentos metodológicos, capazes de substituir a compartimentação por integração, desarticulação por articulação, a construção de uma política educacional condizente com a realidade, em oposição a um currículo, que vê o ensino como determinante da aprendizagem, o aluno como espectador passivo e um professor disciplinador, controlador, que monopoliza a relação e a informação.

A formação do docente na contemporaneidade, como perspectiva reflexiva, necessita de uma política de valorização de desenvolvimento profissional e pessoal, reforçando sua responsabilidade como novo ensinante e aprendente, que saiba ouvir, observar, refletir, problematizar conteúdos e atividades, interagir com o aluno e sistematizar. Vivenciar na prática a concretude de ações capazes de subsidiarem a construção de uma política educacional congruente com a realidade.

Morin (2003, p. 10) fala da educação como elemento fundante para o desenvolvimento humano, segundo ele “Educação é uma palavra forte: Utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano; esses próprios meios.” Já sobre formação, Morin conceitua como “conotações de moldagem e conformação”.

Segundo o autor a educação edifica em cada pessoa o que há de melhor no indivíduo, o que há de propriamente humano, assimilando uma cultura que favoreça o pensar aberto e livre.

As novas pautas da educação emergente sinalizam novas construções do ensinar, do aprender, contribuindo para a autoformação do indivíduo, e neste contexto, a mediação do docente reforça decisivamente a condição do ser cidadão. Conforme salienta Roldão:

Saber produzir essa mediação não é um dom, embora alguns o tenham; não é uma técnica, embora requeira uma excelente operacionalização técnico-estratégica; não é uma vocação, embora alguns a possam sentir. É ser um profissional de ensino, legitimado por um conhecimento específico exigente e complexo (ROLDÃO, 2007, p.102).

A autora considera relevante que o docente, na sua competência, saiba ver o aluno como sujeito singular, dotado de inteligências múltiplas, com diferentes estilos de aprendizagem e, conseqüentemente, diferentes habilidades em resolver problemas.

Segundo Macedo (2012, p.179), é necessário discutir as questões curriculares e também formativas, como preocupação pedagógica atual e como uma pauta importante da práxis educacional inserida no mundo virtual. É pertinente esta reflexão, porque a eficácia da ação pedagógica dependerá cada vez mais da capacidade dos docentes, em construir respostas diferenciadas frente à heterogeneidade dos alunos e a complexidade de seu contexto de trabalho.

Fundamental aprofundar o debate coletivamente (docentes, alunos, comunidade) na construção de um currículo, que tenha uma dimensão dialética e plural, fundamentado no princípio da complexidade e multirreferencialidade, figurados como tônica no mundo da educação virtual.

Um currículo que dialogue com a práxis, a teoria, as vivências acumuladas no processo de aprendizagem, a flexibilidade, a horizontalidade, a inclusão, enfocando uma metodologia que valorize a pesquisa, trabalhos coletivos, apropriando a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, numa perspectiva em que o espaço escolar e os docentes reflitam a formação e a prática educativa,

comprometidas com princípios e valores, nas diversas dimensões e aspectos da vida humana. Nesse sentido, Perrenoud reflete sobre competências:

O reconhecimento de uma competência não passa apenas para identificação de situações a serem controladas, de problemas a serem resolvidos, de decisões a serem tomadas, mas também explicitação dos saberes, das capacidades, dos esquemas de pensamentos e das orientações éticas necessárias (PERRENOUD, 2002, p. 19).

A educação emergente do Século XXI requer docentes comprometidos com o processo de mudanças aceleradas, integrando ao currículo princípios da multiculturalidade, complexidade, multirreferencialidade e interdisciplinaridade – como aponta Ferreira (2013), a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem que contempla a vertente epistemológica e metodológica, e é, senão uma forma de produção do saber que integra os conhecimentos disciplinares. – descortinando e apropriando conhecimentos, através de mecanismos de participação, descentralização e flexibilidade nas decisões tomadas por grupos interdisciplinares. Uma construção dialética que busque a autonomia intelectual, comprometida com o desenvolvimento social e sustentável.

Necessário, se faz, portanto, mobilizar esforços na mudança de paradigmas, na releitura de novos saberes, comprometidos com a qualidade da educação pública e com mecanismos de uma política de intensificação ao acesso e permanência dos alunos das escolas públicas nos espaços das universidades públicas, integrando docentes partícipes da ética na formação de seres humanos.

### **A docência no mundo virtual: didática e práxis**

Para dar seguimento à discussão apresentada nos tópicos anteriores, este ponto propõe uma análise geral, superficial, sobre os aspectos que envolvem a prática docente no contexto educacional do mundo virtual.

Para tanto, evoca-se a hierarquização do desenho didático apresentada por Silva (2008), no qual a didática no processo de construção dos conhecimentos no mundo virtual é instrumentalizada através de três abordagens diretas e complementares: conteúdos de aprendizagem, propostas de atividades e atuação nas interfaces.

Sobre os dois primeiros pontos, Palloff e Pratt (2002), caracterizam como fundamental definir de modo objetivo os resultados a se alcançar; escolher o material de estudo adequado ao público-alvo; e viabilizar um roteiro previamente sistematizado em tópicos.

Estabelecido tais pontos, os autores refletem a importância da navegabilidade, da interação constante, para a participação ativa dos alunos. É a navegabilidade um dos pontos em que o docente deve, necessariamente, garantir maior atenção, uma vez que sem espaços de fácil interação e atratividade nos conteúdos, dificilmente haverá aprendizagem. É o ponto onde a interação deve acontecer, ainda, garantindo aos discentes a horizontalidade necessária para a troca de opiniões e concepções referentes ao conjunto do processo de conhecimento.

Para Kenski (2005), e signatários a seu entendimento, aspectos como seleção de atividades, disciplinas e conteúdos, definição de apresentação e tratamento dos conteúdos, são questões de ordem do campo do planejamento da docência. Realizando de modo a expandir a didática como instrumento prático, tal planejamento terá ampliado suas possibilidades de êxito se ultrapassar a condição de mero transmissor de informações, chegando ao ponto maior da educação neste contexto multirreferencial em rede, qual seja, o de proporcionar a ampliação de conhecimentos.

Arnold (2003) em tempo, enfatiza que o planejamento na docência voltada para o mundo virtual, deve trilhar o caminho da transcendência das questões técnicas, para as de enfoque político-educacional. É uma perspectiva que aponta na direção alternativa ao modelo vertical e compartimentado da educação clássica, viabilizando maior interação entre os sujeitos sociais envolvidos no desenvolvimento e elaboração dos conhecimentos de modo colaborativo.

O planejamento, passando pela centralidade da docência no mundo virtual, retoma a discussão presente nos diversos momentos históricos da educação e da pedagogia, quanto a definição da natureza, do nível e do alcance, neste sentido, Arnold conclui que a docência no mundo virtual:

[...] pode assumir uma variedade de configurações, de acordo com o perfil de atuação da instituição proponente, bem como seu papel e compromisso, no contexto geral da educação do país (ARNOLD, 2003, p. 81).

Neste sentido, observando que o planejamento está imbricado ao desenho didático, cumpre salientar que o desenho didático tem reflexos diretos sobre o grau de autonomia do docente. Pouca autonomia docente implica na redução da interação concreta entre os sujeitos em formação, seja no tempo desta interação, ou na estratégia de avaliação. Por outro prisma, garantir maior flexibilidade docente auferindo-lhe maior autonomia, possibilita melhor diagnosticar o perfil do aluno, realizar um levantamento conceitual significativo ao público-alvo e definir com mais elementos os critérios e procedimentos de avaliação.

A garantia de um planejamento que leve em consideração estes aspectos, será o aporte gerenciador para que o docente reúna as condições objetivas de em seu curso promover, de fato, as bases da emancipação do sujeito que busca o conhecimento a seu fim. Possibilita ao docente, como assegura Pesce, uma estrutura que:

Possibilite a leitura crítica das circunstâncias micro e macroestruturais dos sujeitos sociais em formação; voltam-se à aproximação destes sujeitos, na mobilização de ações conjuntas de enfrentamento aos desafios que se lhes apresentam (PESCE, 2009, p. 73).

Nesta linha de reflexão, as questões metodológicas do docência virtual precisam passar da análise internalista, que deslegitima determinantes contextuais em que estão inseridos o cotidiano profissional do docente (fatores sócio-históricos, formação pessoal e profissional). Inobservar elementos históricos insere ambos os su-

jeitos diretamente envolvidos na formação, no patamar de restrição à docência como práxis de emancipação social através dos processos de aprendizagem.

A atuação das interfaces da docência, na dimensão da mediação docente, resgatam-se as etapas propostas no pensamento freireano (1983), como perspectiva de ressignificação para o contexto do mundo virtual: a investigação temática (existentes na intervenção e resposta vinculadas à práxis); tematização do conhecimento (verificadas nas intervenções conceituais que convidam à pesquisa e ao diálogo reflexivo); e a problematização do conhecimento (repensar sobre a realidade).

Em linhas gerais, tal proposta remete ao docente a importância da mediação como método de construção do conhecimento. A docência como um dos sujeitos da comunidade, e não como o sujeito mais importante e empoderado da comunidade. Para que o docente, sensível à diversidade social e cognitiva, dê vez e voz aplicando proporcionalidade e racionalidade na formação.

No que se refere a avaliação, Moreira (2003), destaca que seu papel desempenha função formativa importante, e precisa ser acompanhada e avaliada sob todos os aspectos e direções, não bastando unicamente as ações de avaliação do desempenho dos alunos, mas sobre tudo na atuação dos docentes. Sob esta sinalização, Palloff e Pratt (2004) destacam que a avaliação deve prever os seguintes princípios:

(...) uma avaliação diferenciada: centrada no aluno, dirigida ao professor, mutuamente benéfica, formativa, específica, contínua, enraizada na boa prática (PALLOFF e PRATT, 2004, p. 127).

Outro aspecto importante a se observar, corresponde ao registro escrito. Em que medida o registro escrito é elemento ilustrativo da aprendizagem e avaliação de todos os alunos. Levando em consideração o mundo virtual, a tônica da escrita pode se constituir como aspecto de inibição da participação, já que a escrita requer um conjunto de saberes diferentes daqueles próximos à oralidade.

Neste cenário, compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. Quanto mais números e substancial forem as correspondências feitas entre as palavras e a réplica do conhecimento, mais profunda e real é a compreensão deste sujeito (BAKHTIN, 1997, p. 131-132).

### **Considerações Finais**

A partir das análises conceituais acerca da educação clássica e sua transição contemporânea, perpassada pela influência sócio-econômica e a internacionalização dos conhecimentos, o modelo pedagógico virtual inaugura um modo diferente de entender o ensino superior, fortemente dominado pela valorização da integração social e comunitária dos estudantes; do acompanhamento personalizado da sua aprendizagem e do respeito pelo contexto específico da experiência de vida de cada aluno.

Tudo isso, fazendo uso de uma nova dimensão que marca hoje fortemente a existência humana nascida da implantação de novas tecnologias da informação e da comunicação; o fenômeno da rede.

De tal maneira, a docência no mundo virtual passa pelo planejamento como aspecto de maior importância em sua estruturação, de modo que os desenhos didáticos muito estruturados, rígidos, que não trazem o docente para o centro do processo educativo, mas que, ao contrário, restringem sua atuação às periferias do processo de aprendizagem dificultam a efetivação de uma docência como práxis emancipadora.

### **REFERÊNCIAS**

ARNOLD, S. “Planejamento em educação a distância”. In: GIUSTA, A.; FRANCO, I. (Org.). *Educação a distância: uma articulação entre a teoria e a prática*. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003. p. 177-203.

BAKHTIN, M.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. Ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

CHERMANN, Luciane de Paula. *Cooperação Internacional e Universidade: Uma Nova Cultura no contexto da globalização*. p.99-106. São Paulo, EDUC, 1999.

DUARTE, Newton. “Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo?” In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Org.) *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. Campinas: Autores Associados, 2005.

ELLIOTT, Tomm. *Reflexões sobre a sala de aula*. Salvador: Editora FIB, 2005.

FERRARI, Márcio. *B. F. Skinner, o cientista do comportamento e do aprendizado*. 2008. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/skinner-428143.shtml?page=1>>. Acesso em 10 out 2013.

FERREIRA, Icaro A.; BASSUMA, R. M. V. P.; SANTOS, E. da S.. *Carreira docente na universidade: seleção de docentes no contexto universitário interdisciplinar*. Anais do III Workshop Nacional em Educação Contextualizada. Juazeiro: EDUNEB, 2013.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IANNI, Octávio. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

KENSKI, V. *Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância*. Revista E-curriculum. São Paulo, v. 1, dez./jul. 2005. Disponível em: <[www.pucsp.br/ecurriculum](http://www.pucsp.br/ecurriculum)>. Acesso em 20 set 2013.

MACEDO, Roberto Sidney. *Etnopesquisa Implicada, Currículo e Formação. Espaço do Currículo*. v.5. n.1. p.176-183, 2012.

MACLUHAN, Marshall. *Understanding media; the extensions of man*. New York, McGraw-Hill, 1964. Disponível em <<http://before-before.net/80f/s11/media/mcluhan.pdf>>. Acesso em 15 out 2013.

MARTINS, Rosilene Maria Sólton Fernandes. *Direito à Educação: aspectos legais e constitucionais*. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.



MENIN, M. S. de S.. *Piaget e Vygotsky – um debate possível*. 1966. Disponível em < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/41/37>>. Acesso em 10 set 2013.

MOREIRA, M. O processo de avaliação em cursos à distância: reflexão. In: GIUSTA, A.; FRANCO, I. (Org.). *Educação à distância: uma articulação entre a teoria e a prática*. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003. p. 73-88.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. – 8a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PALLOFF, R. PRATT, K. Construindo fundamentos. In: GIUSTA, A.; FRANCO, I. (Org.). *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. p. 115-140.

\_\_\_\_\_. Avaliação dos alunos e dos cursos. In:\_\_\_\_\_. *O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 111-124.

PESCE, Lucila. Docência Online como Práxis Emancipadora: apontamentos iniciais. In: *Docência em ambientes de aprendizagem online*. CORTELAZZO, I. B. de C. (Org.). Salvador: EDUFBA, 2009.

PEREIRA, Alda; MENDES, Antonio Q.; MORGADO, Lina. AMANTE, Lucia; e BIDARRA, José. *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta. Para Uma Universidade do Futuro*. 2007. Disponível em < <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1295/1/Modelo%20Pedagogico%20Virtual.pdf>>. Acesso em 20 out 2013.

PERRENOUD, Philippe. *As Competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Tradução: Cláudia Schiling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

ROLDÃO, Maria do Céu. *Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional*. Revista Brasileira de Educação, vol.12 no.34, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://>

[dx.doi.org/10.1590/S1413-24782007000100008](https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100008)>. Acesso em: 25/10/2013.

SILVA, M. O desenho didático: subsídios para uma pesquisa interinstitucional em ambiente online. In: *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE): trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas*, 14., 2008, Porto Alegre, Anais... Porto Alegre: [s.n.], 2008.

TAFFAREL, Celi. “Marxismo e Educação: Contribuição ao Debate sobre a Teoria Educacional e a Transição. Campinas”: Revista HISTEDBR On-line, 2011.

TEIXEIRA, L. H. G. *Cultura Organizacional e Projeto de Mudança em Escolas Públicas*. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

VIANNA, Carlos Eduardo. *Evolução Histórica do Conceito de Educação e os Objetivos Constitucionais da Educação Brasileira*. Janus, 2006.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ALICE SUZART

TATIANA SCHWARTZ

## Crianças e adolescentes no convívio sócio-virtual

### Introdução

A pós-modernidade é cenário do desenvolvimento de uma recente configuração social, inaugurada no século XX: o mundo virtual. A noção humana de espaço e tempo comprimiu-se, inovações tecnológicas surgem a cada momento e popularizam-se aparelhos dotados de uma surpreendente capacidade de portabilidade e praticidade. O que se acreditava ser uma influência do universo em rede sobre o que se conhecia como *vida real*, sendo esta espacial, crônica e privada, descobre-se não apenas algo presente em nossas vidas, mas a instância na qual boa parte da existência humana hoje se realiza.

Este universo ilimitado, atópico, acrônico e desincorporado (CHAUI, 2013) tornou-se, no século XXI, uma outra esfera da vida real, de grande importância e papel central na vida das crianças e adolescentes, e não apenas uma extensão lúdica de suas atividades. A consagração do jovem como ser social reconhecido dentro e nas fronteiras de suas múltiplas comunidades de princípios (BAUMAN, 2005, pp. 17-19)<sup>1</sup> passou a estar estreitamente vinculada

---

<sup>1</sup> “É comum afirmar que as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (...) “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”.<sup>1</sup> (...) A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural.” (...) “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de ideias e princípios”, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras (...).” (BAUMAN, 2005, pp. 17-19).

à existência de perfis em diversas redes sociais, nos quais colocam em evidência não apenas matizes de sua personalidade e retratos de suas experiências no “mundo sensível”, mas também projeções de desejos que, muitas vezes, não têm perspectivas de concretizar no ambiente não-virtual.

A partir dessa reflexão, surge o questionamento: como se encontram, nesse contexto, os jovens, que nasceram inseridos numa realidade que parece estender-se – ou talvez desmembrar-se – num mundo fora do tempo e espaço físicos? Buscando saber como lidam com os recursos tecnológicos os nativos da “Nação Digital”, – a “aldeia global” de jovens nativos da era tecnológica – analisaremos, através de diferentes perspectivas, a atividade de crianças e adolescentes constantemente conectados com os espaços em rede.

### **O jovem como consumidor – emissor de signos e informações no meio virtual**

A veiculação em massa de imagens que exploram o hedonismo, superexpondo nas mídias virtuais o corpo jovem – como reflexo da sensualização precoce e “objetificação” do mesmo, estabelecidas com o advento do signo/imagem como produto-chave da lógica de mercado capitalista pós-moderna – tornou-se comportamento recorrente. Publicar recortes visuais de suas vidas (fotos que dão a impressão, aos observadores, de um estado de eterna felicidade) bem como textos concisos portadores de informações facilmente assimiláveis parece mostrar-se uma necessidade para muitos jovens, que buscam, talvez, autoafirmação e popularidade através de *likes*, *tweets* e *hashtags*<sup>2</sup>, numa fuga às insatisfações e insucessos do meio concreto, *offline*.

Através deste comportamento, se tornam grandes vetores e consumidores de mensagens verbais ou, principalmente, não-verbais, pré-fabricadas, apelativas, de alto poder persuasivo e condutoras de opinião. A saturação de conteúdos e a poluição visual, com-

---

<sup>2</sup> Ferramentas das redes sociais *Facebook* e *Twitter*.

binadas ao tempo aparentemente reduzido para o cumprimento das inúmeras demandas escolares/acadêmicas e da vida social, vêm conduzindo a uma cultura de “compartilhamentos instantâneos”<sup>3</sup> e de análises superficiais.

Com as incríveis facilidades de conexão na Internet, o “bombardeio” de informações engessa as habilidades interpretativas através da confusão e até mesmo letargia provocadas pelo acesso contínuo de *hipertextos* – pontos de contato entre milhões de atalhos virtuais – que acabam também por desviar a atenção, “obstruindo o filtro de informações” humano e “embaçando” a percepção acerca do que é realmente relevante e prioritário. Adolescentes vêm adotando com mais frequência o hábito do *multitasking*<sup>4</sup>, acreditando serem capazes de desempenhar com perfeição as diversas tarefas simultâneas a que se propõem, enquanto, na verdade, eles as executam com eficácia inferior à atingida nas situações em que estão focados em atividades isoladas – como evidencia o estudo pioneiro do pesquisador Clifford Nass, da Universidade de Stanford, Califórnia.<sup>5</sup>

### **O domínio da imagem, a despolarização e as articulações sociais no início do século**

O paradigma racionalista moderno que segregava corpo e alma, sensível e inteligível, matéria e consciência, distinguindo desta maneira *substância* e *indivíduo*, se reconfigura na sociedade contemporânea virtual. A experiência humana, que sempre se deu através do corpo – modo fundamental de ser e perceber – ressurgue no âmbito virtual a partir de uma configuração inédita, um espaço *outro* que transcende a materialidade e é vetor de um universo aberto. Permeada de possibilidades infinitas e imprevisíveis, a cibercultura se afirma (CHAUI, 2013).

<sup>3</sup> Referente à ferramenta do *Facebook*.

<sup>4</sup> Realização de multitarefas.

<sup>5</sup> A entrevista e exposição do estudo de Clifford Nass estão disponíveis no documentário “Nação Digital”.

O mundo virtual se expressa sobretudo através da percepção visual. Extremamente rentável, o universo das imagens é continuamente explorado para o estímulo do consumo – consumimos publicidade, arte, moda, vídeos musicais e produtos imagéticos nos mais variados formatos. A economia, a política, a sociedade e a cultura se espetacularizam, dando forma ao que Guy Debord caracterizou como sociedade do espetáculo.

(...) Para Debord, o espetáculo é uma ferramenta de pacificação e despolitização; é uma “permanente Guerra do Ópio”, que choca os sujeitos sociais e os distancia das obrigações mais urgentes da vida real (...). O conceito do espetáculo de Debord está completamente ligado ao conceito de separação e passividade, pois em espetáculos consumistas submissos, o homem é afastado da sua vida ativamente produtiva (KELLNER, 2004, p. 6).

Essa noção de alienação através do consumo de imagens encontra respaldo na reflexão de Umberto Eco (2003)<sup>6</sup> sobre o dispositivo retórico aristotélico da prova por indução: sendo o *exemplo* visual em lugar de verbal, a reação crítica torna-se mais difícil. Em um contexto imperado por imagens, existe uma consagrada manipulação da propaganda direcionada ao consumo, aspecto que, entre outros efeitos, intensifica o fenômeno capitalista global do consumismo.

Entretanto, concomitante ao *globalitarismo* (SANTOS, 2001, p. 46-55) imagético perverso que se imaginou ser uma possível causa da despolitização em massa, surgem múltiplos movimentos civis organizados através de redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. Uma verdadeira onda mundial de protestos populares foi iniciada entre 2010 e 2011 com a Primavera Árabe e o *Occupy Wall Street*. Se por um lado, existe uma intensa manipulação dos jovens exercida pelas mídias, que opera por intermédio do fácil convencimento proporcionado por argumentos meramente visuais, por outro, cresce o número de questionamentos e contestações de padrões pré-deter-

<sup>6</sup> “ (...) As imagens possuem, por assim dizer, um tipo de poder Platônico: elas transformam ideias individuais em ideias gerais. Então, por educação e por comunicação puramente visual, é mais fácil implementar estratégias persuasivas que reduzam nosso poder crítico” (ECO, 2003).

minamos, a exemplo das ditaduras no Oriente Médio e da condição social imposta pelo capitalismo financeiro monopolista. Os ambientes virtuais, dessa maneira, tornam-se também espaços de mobilização, em que a propagação de denúncias e expressão de insatisfações é imediata, ampliando as possibilidades de participação política para uma quantidade cada vez maior de pessoas e servindo de suporte à organização e realização dos protestos.

### **O aspecto comportamental: relações interpessoais**

A urgência por tempo é marca intrínseca à pós-modernidade, sendo esta, por sua vez, organizada segundo uma dimensão de tempo-espaço comprimida (HARVEY, 2010, p. 257). Realizam-se em *tempo real* buscas online para pesquisas, traduções e satisfação de dúvidas de todos os tipos, fazendo a época em que era necessário se deslocar para uma biblioteca para buscar entre milhares de prateleiras um único livro parecer longínqua, assim como aquela em que se ansiava comprar um disco raro, hoje disponível em rede ao alcance de apenas alguns cliques. Instantâneo é o envio e a recepção de mensagens, fotos e vídeos; instantâneo é o acesso à informação. As relações sociais, por sua vez, parecem ser também cada vez mais instantâneas.

Há uma notória e massiva tendência à superficialização dos relacionamentos interpessoais neste começo de século. Em paralelo ao surgimento de novos arranjos familiares e afetivos mais flexíveis há a simplificação das relações, que são muitas vezes consideradas ideais quando apenas físicas, diminutas e efêmeras. Relacionamentos afetivo-sexuais iniciam-se e esvanecem-se de forma análoga à música e à produção literária contemporâneas – canções na lista da *Billboard*<sup>7</sup> e *best-sellers* são esquecidos momentos após seus lançamentos.

---

<sup>7</sup> “The week’s most popular current songs across all genres, ranked by radio airplay audience impressions as measured by Nielsen BDS, sales data as compiled by Nielsen SoundScan and streaming activity data from online music sources tracked by Nielsen BDS. Songs are defined as current if they are newly-released titles, or songs receiving widespread airplay and/or sales activity for the first time.” Leia mais em: <http://www.billboard.com/charts/hot-100#P76g6ltLp8eGw5wJ.99> acessado em 29 de outubro de 2013.

Sob essa lógica de superficialidade, os *chats*, comentários e *tweets*<sup>8</sup> permitem a proliferação de discursos fragmentados, sem nenhum compromisso com a veracidade das informações, enquanto sob a máscara<sup>8</sup> do anonimato, muitos jovens perdem a noção de responsabilidade e se expressam através de palavras agressivas, utilizando o *cyberbullying* como arma de desmoralização gratuita e despropositada de outrem. Espalha-se assim uma sensação de completa invisibilidade e privacidade no âmbito virtual, como se discursos tendenciosos e de teor preconceituoso pudessem ser pulverizados sem a perspectiva de ter de se lidar com qualquer culpabilização ou consequência. Nesse sentido, jovens cada vez mais inseridos numa esfera de individualismo e apoiados na crença de que são impunes no meio digital, – aparentemente protegidos pelas telas e configurações de segurança de algumas redes – ao não definirem seu papel no mundo *online* e não terem claros seus objetivos neste, acabam portando-se de maneira irresponsável e desrespeitosa, uma vez que não conhecem a si o suficiente para praticarem sua liberdade como condição da ética (FOUCAULT, 2004, pp. 1-3).

O distanciamento dos contatos pessoais diretos, complexos, é reforçado com a gênese de um universo digital sem limites e dotado de milhares de possibilidades de conexão. O lado positivo da revolução tecnológica, que seria a promoção de grande acessibilidade e a potencialização de “encontros” entre diversas culturas – através do meio virtual que dispensa a necessidade de locomoção e a presença do corpo físico – se esgota na medida em que muitos jovens passam a privilegiar as relações estabelecidas via Internet, até mesmo com pessoas em outros países, continentes, sacrificando seus círculos sociais próximos, como a família e a escola. Tal perfil, cada vez mais comum, pode ser ilustrado pelos estudantes do MIT – *Massachusetts Institute of Technology*, como observam Rushkoff e Dretzin em seu documentário, que durante as aulas manipulam duas, três ou mais mídias simultaneamente, de modo a não perder oportunidades de contato com amigos ou outros professores, enquanto durante encontros ao vivo com essas pessoas continuam imersos nas

---

<sup>8</sup> Ferramentas das redes sociais *Facebook* e *Twitter*.



redes sociais; de modo curioso, por vezes estes jovens se comunicam através de seus dispositivos eletrônicos com outros que estão fisicamente próximos, num mesmo recinto. Um outro exemplo é o dos *otaku*<sup>9</sup>, adolescentes e adultos japoneses viciados em animações e jogos eletrônicos como o *LovePlus*<sup>10</sup>, no qual constroem entre seus avatares 11 e figuras digitais relacionamentos afetivos, preferindo estes, perfeitamente controláveis, isentos de conflitos, próprios de um mundo de fantasia, a qualquer contato físico-sexual.

### A não-linearidade do pensamento

Já nos anos 60, Marshall McLuhan<sup>12</sup> (1962 apud ECO, 2003) previa uma transformação na maneira linear de pensar, outrora instaurada pela invenção da imprensa. Todd Oppenheimer caracteriza e critica esta forma não-sequenciada de pensamento no livro “*The Flickering Mind*”<sup>13</sup> no qual o autor estuda a existência de um fenômeno de queda na produção intelectual dos jovens estudantes por conta de uma desestruturação no modelo de ensino e aprendizado.

Seus maiores alvos são as escolas que aderem ao ensino completamente digitalizado e, com isso, promovem o uso exacerbado da Internet, o que acarretaria o estabelecimento de um ambiente de dispersão e ilusão e a impossibilidade da manutenção de um pensamento focado em apenas um objetivo, tornando regra quase absoluta a prática de multitarefas. Oppenheimer aponta para a intensificação da necessidade das crianças pela gratificação instantânea,

<sup>9</sup> Originalmente japoneses fãs de animes e mangás. Hoje também recebem essa denominação os que são viciados nessas e outras formas de entretenimento, como *videogames*, computadores, entre outros. Veja a reportagem da BBC News Magazine “The japanese men who prefer virtualgirlfriends to sex” disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/magazine-24614830>> acessado em 24 de outubro de 2013.

<sup>10</sup> Jogo da empresa japonesa *Nintendo*.

<sup>11</sup> Personagens digitais.

<sup>12</sup> Autor do livro “A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico”. Citado por Umberto Eco em “Da Internet a Gutenberg” – Conferência apresentada na *The Italian Academy for Advanced Studies in America* em 12 de novembro de 1996.

<sup>13</sup> Título completo: “*The Flickering Mind – Saving Education from the False Promise of Technology*”. 2003.

consistindo nisto a ilusão – em rede, a qualquer momento qualquer site pode ser acessado, toda dúvida pode ser *online*. A praticamente surreal e ilimitada realidade virtual, portanto, não deveria ser utilizada como parâmetro para a instrução de crianças e adolescentes para seu ingresso na vida prática.

O autor defende, contudo, o uso de computadores nas escolas de forma responsável, uma vez que eles serão, no futuro, instrumento de trabalho da maior parte dos alunos. Muito provavelmente, o mais relevante dentre os instrumentos. O *uso responsável* dos recursos em rede, todavia, é um conceito acerca do qual ainda não há consenso. Por um lado, autores como Oppenheimer (2003) e Christian Rittelmeyer (2007) afirmam ser necessário proteger as crianças dos danos que a exposição massiva à Internet pode provocar – danos estes que podem vitimar não apenas o pensamento, como também o cérebro em si. A comunicação *online*, por outro lado, tende a tornar-se mais necessária a cada instante, e, nesse contexto, privar os alunos da oportunidade de se habilitarem para a utilização das novas tecnologias poderia conduzir a sérias dificuldades no meio laboral. Possuir perfis em redes sociais como o *LinkedIn* ou *Facebook* vem se tornando quase um pré-requisito para a inserção no mercado de trabalho, um aspecto por vezes tão relevante para a contratação e a visibilidade profissional quanto currículos convencionais.

## **Novas leituras e possibilidades no campo da educação**

Observando a conjuntura de maneira mais ampla, é irrefutável o fato de que a forma com que lemos o mundo não é a mesma desde que surgiram os primeiros textos escritos. A análise de Lúcia Santaella (s.d.) acerca dos diferentes tipos de leitores que apareceram ao longo da história distingue três tipos: o primeiro é o leitor contemplativo da era pré-industrial, hegemônico até meados do século XIX; o segundo é dinâmico, filho da revolução industrial e herdeiro da revolução eletrônica, instável, leitor de um mundo permeado de

imagens, sons, cores e signos que se sobrepõem; e o terceiro, por sua vez, faz parte dos espaços incorpóreos da virtualidade. O leitor virtual habita espaços nos quais não precisa estar presente; janelas surgem e desaparecem em segundos e, diferentemente do leitor que manuseia páginas, este não segue a sequência convencional de um texto. Sob a mesma lógica que possuía dentro da cultura oral ágrafa, não é estritamente objetivo, como o homem moderno pretendeu ser. “Trata-se de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão” (SANTAELLA, s.d., p. 3).

Apesar de sucessivas e distintas, as emergências de novos leitores não resultam no desaparecimento dos anteriores. O desafio do século talvez seja a conciliação das possibilidades de leitura, mas, independente disso, o leitor *online* promete predominar. Negando as transformações que novas tecnologias proporcionam, somos como povos ágrafos dizendo não ao alfabeto; dizemos não ao desconhecido e defendemos as estruturas que conhecemos como se as que as sucederem fossem destruí-las.

Afirmando-se que o uso exacerbado das mídias virtuais pode deteriorar as formas de pensamento e aprendizado, são negadas as capacidades humanas de adaptação e inovação – essenciais à elaboração dessas mesmas mídias. A exemplo disso, o ensino que sedava em salas silenciosas, nas quais dominava a hierarquia do professor – detentor do direito de fala – sobre os alunos que ouviam, vem gradativamente perdendo espaço. Em seu lugar, essa nova forma de expressão do pensamento se impõe; – multivetorial, por vezes fragmentada, mas também estabelecida através de núcleos de hiper-conexão ou hipertextos, característica do tempo-espaço virtual comprimido – uma forma que, possibilitada pelo desenvolvimento da esfera digital, apesar de ainda ser pouco conhecida e apenas recentemente estudada, já se mostra imprescindível às dinâmicas de interação social dos “nativos digitais”.

Como esclarece James Paul Gee<sup>14</sup>:

---

<sup>14</sup> Professor na *Arizona State University*, Estados Unidos.

Sempre há perdas e ganhos. Quando a imprensa substituiu a cultura oral pela escrita, perdemos várias coisas. Dentre elas, a memória. Pense nos poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Os bardos cantavam milhares de linhas de poesia só de memória. Não fazemos mais isso por causa da imprensa. Foi uma perda? Claro. E conseguir que as pessoas contemplem mais e ajam mais devagar, sem fazer multitarefas o tempo todo, prestando muita atenção durante um período longo – de certa forma, isso se perdeu. Mas é o preço do ganho (GEE, 2011).<sup>15</sup>

## Considerações finais

Em um momento tão incipiente da consolidação de uma Nação Digital, como é o nosso, ainda não se sabe ao certo o que é excesso e o que é simplesmente parte desta nova conjuntura que se afirma. Entretanto, não há dúvidas de que o mundo virtual não mais se configura como espaço secundário da vida social, mostrando-se parte relevante na realidade de muitas crianças e adolescentes, sendo assim necessário o desenvolvimento instruído de habilidades para a sobrevivência nessa nova esfera de existência na pós-modernidade. Desse modo, deve-se considerar que a privação do contato com as novas tecnologias seria um obstáculo para a inserção dos jovens em diversos círculos sociais e também para o ingresso no mercado de trabalho, que vem tomando como pré-requisito em muitos processos seletivos conhecimentos na área de informática e a criação de perfis virtuais, facilitadores do contato empregador – candidato.

Desde cedo, pais e professores devem estimular os jovens para uma conscientização sobre o seu papel de consumidores e também formadores de opinião no meio virtual, bem como orientá-los na utilização dos aparatos tecnológicos e mídias digitais a fim de evitar abusos, – como a exposição a cargas exageradas de informações e a realização de muitas tarefas simultaneamente— participando diretamente na educação dos mesmos para uma apropriação salutar e responsável de tais recursos. É preciso ainda que essas crianças e adolescentes saibam da necessidade de exercerem sua

---

<sup>15</sup> Transcrição de sua entrevista disponível no documentário “Nação Digital”.

liberdade de expressão segundo os mesmos parâmetros éticos que regem as relações interpessoais no mundo *offline*, e busquem explorar suas subjetividades para compreender e respeitar o outro, numa espécie de “cuidado de si como prática da liberdade” (FOUCAULT, 2004).

Em acréscimo, as novas tecnologias devem ser tomadas como alternativas de suporte e diversificação das possibilidades de busca pelo conhecimento, – mais dinâmicas e atrativas – e não elementos substitutivos das ferramentas eficientes já adotadas, como os livros didáticos, além das experiências concretas, tácteis, baseadas no convívio direto, que estimulam a cooperação e a valorização do contato ao vivo – fora do plano mediado por aparelhos de uso individual. Transcender o uso de recursos tecnológicos/imagéticos como elementos apelativos ou meios de manter a atenção dos jovens pode ser possível com o estreitamento da relação destes com seus educadores, que devem valorizar no processo de construção do conhecimento a participação e a contribuição dessas crianças e adolescentes com sugestões de leitura e de atividades que estejam em consonância com sua realidade (CERTEAU, 1995, p. 105).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

CHAUI, Marilena. “Atopia, acronia e desincorporação: da “Phénoménologie de la Perception” à cibercultura”. In: *CONGRESSO DA SOCIEDADE INTERAMERICANA DE FILOSOFIA*, 17. Salvador, 2013.

DRETZIN, Rachel; RUSHKOFF, Douglas. *Nação Digital*. 2011. Disponível em: <<http://gnt.globo.com/gntdoc/videos/1525615.shtml>>; acesso em 18 de setembro de 2013.

ECO, Umberto. *Da Internet a Gutenberg*. 2003. n.p. Disponível em: <<http://www.hf.ntnu.no/anv/Finnbo/tekster/Eco/Internet.htm>> e <<http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>> acessado em 2 de outubro de 2013.

FOUCAULT, Michel. “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”. In: *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/39604359/A-etica-do-cuidado-de-si-como-pratica-da-liberdade-Michel-Foucault>>; acesso em 27 de maio de 2013.

GEE, James Paul. In: DRETZIN, Rachel; RUSHKOFF, Douglas. *Nação Digital*. 2011.

HARVEY, David. A compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna. In: \_\_\_\_\_. *Condição Pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. cap. 17, pp. 257-276.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia e o Triunfo Do Espetáculo*. 2004. Disponível em: <[http://200.144.189.42/ojs/index.php/libero/article/viewFile/3901/3660\\_2004](http://200.144.189.42/ojs/index.php/libero/article/viewFile/3901/3660_2004)>; acesso em 10 de agosto de 2013.

OPPENHEIMER, Todd. *Q&A with Todd Oppenheimer, author of The Flickering Mind*. Disponível em: <[http://www.booknoise.net/flickeringmind/press/src/QA\\_oppenheimer.pdf](http://www.booknoise.net/flickeringmind/press/src/QA_oppenheimer.pdf)>; acesso em 22 de outubro de 2013.

RITTELMEYER, Christian. Screen culture: Damage to the spiritual, social and physical development of children. In: \_\_\_\_\_. *Childhood Under Threat: Caught between the Culture Industry and the Technocratic Reform of Education*. Stuttgart, 2007. cap. 2, p. 40-67. Disponível em: <<http://www.waldorflibrary.org/books?task=view&id=1346&catid=88>>; acesso em 17 de outubro de 2013.

SANTAELLA, Lúcia. *A Leitura Fora Do Livro*. s.d. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~cos/epe/mostra/santaell.htm>>; acesso em 13 de outubro 2013.